

Comissão Pró Índio do Acre – CPI-Acre
Programa de Gestão Territorial e Ambiental
Rio Branco
2020

Resumo executivo da viagem de assessoria à Terra Indígena Kaxinawa da Praia do Carapanã

Paula Lima Romualdo



Texto: Paula Lima Romualdo

Edição: Julieta Matos

Diagramação: Camila Martins

Realização:



Apoio:



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	5
IDENTIFICAÇÃO DA TERRA INDÍGENA	6
DISCUSSÕES DA ASSESSORIA	6
Legado dos AAFIs já formados, fortalecimento dos SAFs, quintais e demais iniciativas agroflorestais	6
Avaliação comunitária do trabalho dos AAFIs em formação pela CPI-Acre	10
Incentivo dos professores nas ações da assessoria	10
Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)	14
Manejo de pirarucu em lagos nativos	14
Aula prática de meliponicultura	15
Diagnóstico do acesso à água	17
Manejo de resíduos sólidos	21
Articulação com o entorno	22
Depoimento de Morador do entorno da TI	23
Fortalecimento da proteção territorial	24
Atividades culturais	24
Fortalecimento cultural	25
ANEXO	27



Apresentação

Variedades de mundubim na aldeia Carapanã. (Foto: Paula Lima)

O conteúdo deste material apresenta informações relativas à Assessoria na Terra Indígena Kaxinawa da Praia do Carapanã, com o objetivo de comunicação e divulgação das ações do Projeto “Experiências Indígenas de Gestão Territorial e Ambiental no Acre” (2018-2022).

A viagem de assessoria descrita neste resumo executivo é uma das atividades previstas no Projeto, contratado no âmbito do Fundo Amazônia/BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) - Chamada Pública para Implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental em Terras Indígenas – PNGATI.

A Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) é a instituição responsável pela execução do Projeto, em parceria com oito Associações de Terras Indígenas: Associação dos Kaxinawa do Rio Breu (AKARIB), Associação Ashaninka do Rio Breu (AARIB), Associação dos Produtores Kaxinawa da Aldeia Paroá (APROKAP), Associação Comunitária Shanenawa da Morada Nova (ACOSMO), Associação dos Povos Indígenas Shanenawa da Aldeia Shanekaya (SHANEKAYA), Associação dos Criadores e Produtores Kaxinawa do Rio Carapanã (ASKPA), Associação dos Produtores e Agroextrativistas Huni Kuĩ do Caucho (APACH), Associação dos Seringueiros Kaxinawa do Rio Jordão (ASKARJ) e duas Organizações de Categoria Indígena: Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre - AMAAIAC e Organização dos Professores Indígenas do Acre - OPIAC.

O projeto visa apoiar a implementação dos Planos de Gestão Territorial e Ambiental (PGTAs) de oito Terras Indígenas no Acre¹, a continuidade da formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas e do manejo de quintais e sistemas agroflorestais. Pretende-se também fortalecer as ações e as ferramentas de proteção territorial, promover estratégias de articulação, diálogo e troca de experiências com as populações do entorno das TIs. Os objetivos específicos do Projeto referentes à TI Kaxinawa da Praia do Carapanã serão descritos no anexo 01. Dentre outras atividades, é prevista uma viagem de assessoria por ano, durante três anos de execução do Projeto.

¹ Kaxinawa do Rio Jordão, Kaxinawa do Baixo Rio Jordão, Kaxinawa Seringal Independência, Kaxinawa e Ashaninka do Rio Breu, Kaxinawa do Igarapé do Caucho, Kaxinawa da Praia do Carapanã, Kampa do Igarapé Primavera e Katukina/ Kaxinawa.

Introdução

A viagem de assessoria à TI Kaxinawa da Praia do Carapanã ocorreu entre os dias 16 de setembro e 02 de outubro de 2019.

Para a idealização e planejamento desta assessoria, articulamos previamente com o consultor indígena e AAFI Amiraldo Sereno Kaxinawa e com o presidente da ASKAPA, José Benedito Kaxinawa. Por conta de um prazo mais curto para a realização das atividades², definimos que as aldeias assessoradas seriam aquelas onde o AAFI estava em processo de formação. Já aquelas onde os AAFIs eram novatos (ou ainda escolhiam um representante), optamos por convidá-los a se agrupar às aldeias que receberiam assessoria. No caso das aldeias com AAFI já formados, definimos uma visita de um dia para acompanhar de perto as suas experiências ao longo desses anos e proporcionar a formação continuada deles. Tivemos oportunidades para debater com as famílias de cada aldeia sobre a atual conjuntura política, ameaça às conquistas e direitos indígenas, dentre outros temas pertinentes. Na modalidade de formação de “intercâmbio”, participou e contribuiu na viagem de assessoria o AAFI Cleir Muniz, da TI Nukini. De maneira geral, as atividades de formação desenvolvidas nas assessorias junto aos AAFIs e comunidades se deram na forma de mutirões, em plenárias e reuniões.

Durante a assessoria, contamos com a participação direta de 243 indígenas, dentre o total 104 eram mulheres. Foram assessorados quatro AAFIs³ em suas respectivas aldeias e mais outros seis, entre iniciantes e formados, convidados a participar das atividades⁴. No geral foram beneficiados indiretamente 643 indígenas (população da TI).



Brincadeira tradicional no final de tarde na aldeia Segredo do Artesão. (Foto: Paula Lima)

²Havíamos previsto a realização em meados de junho, porém houve atrasos quanto ao repasse de recursos referentes a parcela do projeto. Quando houve a liberação, tínhamos um período de um mês para a realização da assessoria, já que na sequência havíamos planejado o XXVI Curso de Formação de AAFIs.

³AAFI participantes: Paulo Melo Kaxinawa, Marciano Kaxinawa Sabino, José Ocivilto Pereira Sabino, João Rodrigues Kaxinawa, Francisco Melo Kaxinawa (Xipi), Ivan Sereno Peres Kaxinawa, Francisco Edmilson Ferreira, Amiraldo Sereno Kaxinawa, Josias Kaxinawa da Silva e Cleir Muniz Nukini.

⁴*Aldeias assessoradas: Mucuripe, Carapanã, Cocameira e Segredo do Artesão

*Aldeias visitadas: Povo Junto, Nova Vida, Água Viva

*Aldeias que os AAFIs (ou comunitários) se deslocaram para participar da assessoria: São João da Floresta, Povo Junto, Paz e União, Nova Vida, Morada Nova, Água Viva

*Aldeias convidadas, mas não compareceram: Nova Vista e Goiânia

Identificação da Terra Indígena

A TI Kaxinawa da Praia do Carapanã está localizada às margens do rio Tarauacá e tem uma área de 60.698 hectares. A aldeia mais próxima do município de Tarauacá fica cerca de um dia com motor de rabeta e a mais afastada está há dois dias. A TI foi demarcada em 2000, tendo como seu principal fundador o Sr. Jorge Lemes Kaxinawa, antigo morador da região, quando a área ainda era um grande seringal (CPI-Acre, 2013)⁵. Atualmente, conta com 643 moradores distribuídos entre nove aldeias e mais três grupos locais (Romualdo, 2019)⁶.

Discussões durante a assessoria

A assessoria aos AAFIs da TI Kaxinawa da Praia do Carapanã permitiu um melhor acompanhamento do trabalho realizado com suas comunidades e a partir disso, evidenciar ações protagonizadas pela categoria, que tem proporcionado a gestão territorial e ambiental desta TI. Com quatro agroflorestais já formados e mais três em cursos de formação, observamos que a formação junto a CPI-Acre tem fortalecido experiências interessantes nesta TI, destacando-se o manejo de quelônios e pirarucu.

Legado dos AAFIs já formados, fortalecimento dos SAFs, quintais e demais iniciativas agroflorestais

Os AAFIs já formados, Amiraldo e Edimilson relataram que antigamente suas aldeias tinham muito pasto e hoje, são as que mais destacam com os plantios agroflorestais, ao lado da aldeia Mucuripe. Atualmente o pasto ainda é um limitante para os plantios em quintais nas aldeias Carapanã e Cocameira e muito conversamos desta necessidade de trocas de experiências entre agentes agroflorestais já formados e práticas agroflorestais exitosas dentro da própria TI.

Durante a assessoria, foram levantados 44,3 hectares de produção em SAFs e quintais, e enriquecidos outros 0.5 hectares em áreas agroflorestais. Foram levados 18 kgs de sementes de bacaba, buriti e cacau, que em mutirão trabalhamos com a escola e demais comunitários na produção em sementeira. Foram plantadas 106 mudas de caju, cacau e ingá, provenientes dos viveiros dos AAFIs. A assessoria ocorreu no verão amazônico, período do ano que é desfavorável para o plantio direto. Os AAFIs conduzirão mais plantios com a chegada das chuvas, previstas para os próximos meses.

AAFI José de Lima Yube

Na aldeia Mucuripe, encontramos muitos plantios nos quintais e um extenso sistema agroflorestal, frutos do trabalho do antigo AAFI formado, José de Lima - Yube. Dentre variadas espécies em produção, vale destacar aquelas que José de Lima plantou a partir de sementes trazidas na ocasião que participava de cursos de formação como cacau, cupuaçu, café, açaí touceira e castanha. No local existem dois açudes que foram construídos com máquinas, através de parcerias com o governo estadual passado.

⁵Adriano Dias e Billyshelby Fequis. Relatório da II Oficina de Etnomapeamento e Construção do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Kaxinawa da Praia do Carapanã. CPI-Acre e parceria com Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA), 2013.

⁶Paula Lima Romualdo. Relatório de viagem de assessoria à Terra Indígena Kaxinawa da Praia do Carapanã. CPI-Acre, 2019. 137 páginas.

AAFI Valdo Pereira e o manejo de Quelônios na Terra Indígena

Na aldeia Povo Junto, também encontramos quintais com diversidade de espécies frutíferas em produção, resultado do empenho do AAFI formado Valdo Pereira, junto às famílias locais. Contam com dois açudes e o primeiro foi construído manualmente pelo Valdo. Por conta do empenho do AAFI junto à sua comunidade em desenvolver a criação de peixes e quelônios, conquistaram com o apoio do governo estadual, na mesma época da aldeia Mucuripe, recurso para construção mecanizada de um açude maior.

Valdo Pereira foi o primeiro agroflorestal a trabalhar com os quelônios na Praia do Carapanã. Enquanto participava dos cursos de formação em Rio Branco, recebeu do seu Valmir Ribeiro (Projeto Amazon- criatório vizinho ao CFPF) alguns indivíduos de tracajá e tartaruga da Amazônia para criar na TI. Foi quando teve a iniciativa de construir a sua primeira barragem manual para introduzir os quelônios. Empenhado com a atividade, começou a trabalhar com a proteção das desovas ao longo do rio Tarauacá, localizadas nas praias, sempre vulneráveis e alvo de ataques de viajantes, freteiros e ribeirinhos que diariamente se deslocam pelo rio. Valdo identificava os ninhos, retirava as desovas e “enterrava” os ovos em uma praia que pudesse monitorar (praia de tabuleiro). Com o passar do tempo, foi bem-sucedido o trabalho de proteção destas desovas, gerando novos indivíduos que começavam a repovoar o rio e igarapés. Os quelônios que mantinha no açude manual também fugiram para os cursos d’água, já que a área não era cercada. Valdo teve apoio de outras comunidades nesta proposta. Houve conscientização dos moradores da TI para não consumirem as desovas ou quando se tinha o interesse pelos ovos, apenas parte da desova era retirada para alimentação e a outra parte levada para a praia de tabuleiro. Nesses seis anos de trabalho junto à CPI-Acre, viajando pelos rios da Amazônia acreana, tive poucas oportunidades de observar tantos tracajás e tartarugas da Amazônia como ao longo do rio Tarauacá. E já no meu segundo dia de viagem, ainda fora da área da TI, pude ver um pirarucu no rio, o que não é tão comum.

É perceptível um maior número de quelônios no decorrer do rio em que a TI abrange as duas margens (desde a aldeia São João da Floresta à Nova Vida) pois, logo que uma das margens é compartilhada com a população branca, menos indivíduos são notados no seu banho de sol diário, entre barrancos e pauzadas. E exatamente o maior impacto de invasão nesta TI está relacionado com a pesca predatória e retirada de desovas de tracajás nas praias. O sucesso no repovoamento do rio Tarauacá vem da experiência do AAFI já formado Valdo Pereira; e a continuidade deste trabalho pelo seu filho Marciano e demais comunitários.



Açude mecanizado na aldeia Mucuripe. (Foto: Paula Lima)



Parque medicinal na aldeia Nova Vida, AAFIs Xipi e Amiraldo em destaque com cipó sagrado. (Foto: Paula Lima)

AAFI Francisco Melo Kaxinawa (Xipi)-

Já na aldeia Nova Vida, temos o AAFI formado Xipi. Antes de vir morar na Praia do Carapanã, viveu por anos na TI Colônia 27. Foi onde começou seu trabalho como agente agroflorestal e teve um papel importante, no reflorestamento da Colônia 27, já que quando a TI foi conquistada era uma antiga fazenda com a paisagem dominada por pastagens.

Fizemos uma interessante caminhada pela aldeia Nova Vida, onde Xipi nos apresentou a única cacimba, localizada distante das casas, de onde tiram a água para consumo. Conhecemos também o parque medicinal com vários pés de chacrona e cipó, SAFs e quintais agroflorestais com abundante produção.

O AAFI cria gado, porém distante das áreas de produção de alimentos da aldeia. A área encontra-se restrita aos animais, com um cerca de arame farpado delimitando o acesso. No momento tem um total de três cabeças apenas.

AAFI Edimilson Muru

Na aldeia Água Viva temos o AAFI Edimilson Muru, formado na primeira turma, em 2010, mesmo ano de conclusão dos AAFIs José de Lima e Xipi. Edimilson tem um trabalho exemplar e é o coordenador dos AAFIs da TI Carapanã. O AAFI é um grande mestre das esculturas e atualmente dedica-se ao ramo da carpintaria, construindo camas para sua família e sob encomenda. Também têm atividades com a escola, onde ensina arte e ofício. Colaborou para que os quintais da aldeia produzissem muitas frutas, tanto que citou que tem perdido produção (“não dá vença de cupuaçu, manga e as duas variedades de açaí”), pois não conseguem vender no município. Uma demanda que levantaram foi a aquisição de uma despoldadeira e um freezer para congelamento, seguindo com a proposta de beneficiamento da produção excedente.

Atualmente a aldeia conta com considerável produção de açaí touceira, fruto do trabalho do AAFI Edimilson. Durante a época que participou dos Cursos de Formação, recebeu sementes do CFPF e trabalhou dedicadamente na produção em sementeiras e no viveiro de mudas. A partir da produção local de mudas, foi compartilhando com famílias da aldeia Água Viva e demais comunidades da TI. A aldeia conta com dois açudes e três tanques, ambos construídos com máquina.

Na ocasião que o AAFI Amiraldo visitou as aldeias para orientar os agroflorestais sobre o levantamento dos plantios, Edimilson procurou sensibilizar as famílias que o apoiassem com os levantamentos. Como precisavam registrar o tamanho dos quintais, sugeriu que as famílias fizessem placas com informações sobre nome do quintal, largura e comprimento das suas áreas e o censo populacional das espécies levantadas.

AAFI Amiraldo Sereno

O AAFI Amiraldo (formado na turma de 2015) desenvolve trabalho muito bem organizado junto à comunidade da aldeia Segredo do Artesão, onde mantém uma boa articulação com as lideranças locais. Amiraldo Sereno é genro da pajé e liderança feminina Dona Bimi e juntamente aos seus cunhados, o cacique local Adriano e o professor Manoel, manejam uma diversidade de espécies frutíferas nos quintais, trabalham com roçados em abundância, parques medicinais, rituais com ayahuasca e formação de jovens nas cerimônias tradicionais. E um dia da semana o AAFI trabalha também em sala de aula, com a temática da gestão territorial e ambiental.

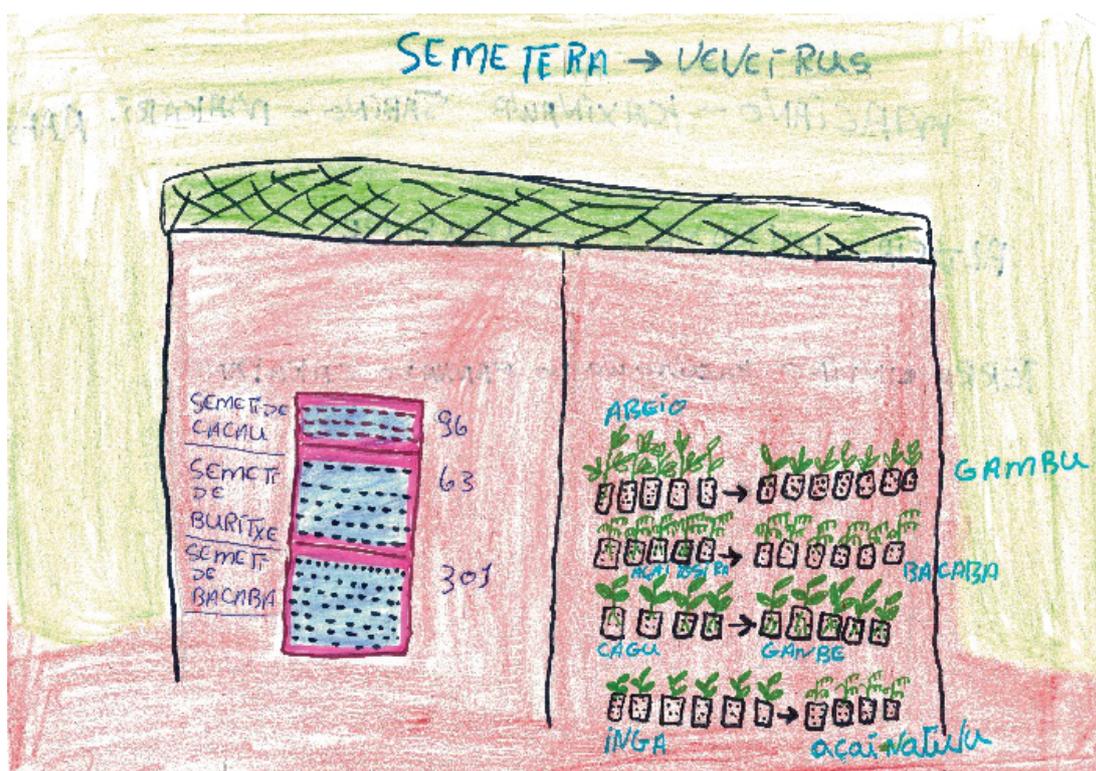


*Açude mecanizado na aldeia Água Viva.
(Foto: Paula Lima)*



*Açaí touceira na aldeia Água Viva.
(Foto: Paula Lima)*

Já na aldeia Segredo do Artesão, tivemos uma grande participação e empenho da comunidade durante as nossas atividades. Com o incentivo do professor Manoel de Jesus e demais lideranças locais, todas as crianças matriculadas na escola estiveram presentes, assim como a maioria dos adultos, com destaque para contribuição em peso das mulheres. A aldeia é muito bem organizada, lideranças com um bom relacionamento pessoal e articulação interna. É notável quando o AAFI reconhece a importância de uma assessoria, do seu próprio trabalho e quando se tem de fato uma parceria com sua comunidade. Tudo isso é refletido no desenvolver da assessoria e Amiraldo se destacou muito bem nesta articulação interna.



Produção de mudas no novo viveiro da aldeia Mucuripe. (AAFI's Paulo Melo e Marciano)

Avaliação comunitária do trabalho dos AAFIs em formação pela CPI-Acre

Enquanto assessorávamos a aldeia Mucuripe, toda a noite era oportuna para reuniões. Numa dessas ocasiões, o professor e liderança Gilson organizou-se junto à comunidade e nossa equipe para avaliações dos trabalhos comunitários. Segue trecho de destaque desta conversa, sobre a avaliação do trabalho do AAFI. Esta avaliação foi demandada pela liderança com uma forma de reflexão junto ao AAFI Marciano, que no XXVI Curso de

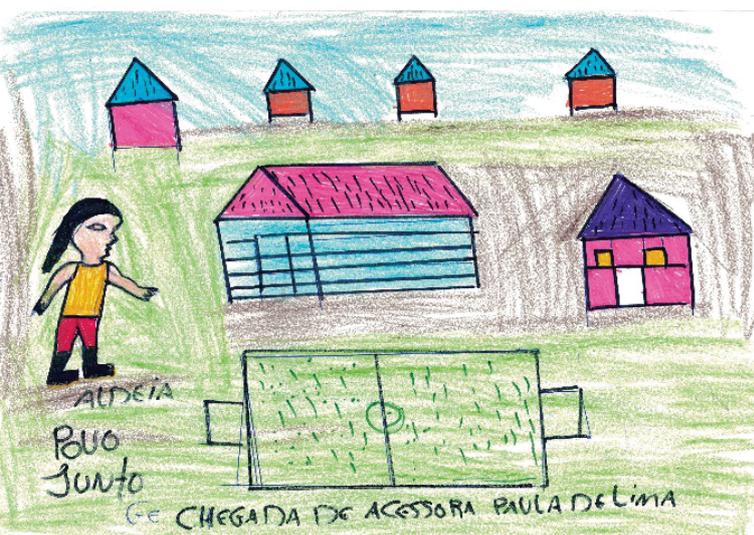
... a gente agradece muito a assessoria. Eu gostei porque você vai incentivando o Marciano para a formação dele, isso é bom para ele, isso é bom para nós e isso é bom para vocês, porque vocês estão fazendo um esforço para formar as pessoas que estarão cuidando da aldeia, do seu povo e de sua terra indígena. Se vocês não receberem retorno, não é só vocês que perdem, nós também estamos perdendo... Porque essas críticas são construtivas, a gente vê o problema e já pensa na solução.

Liderança e professor Gilson de Lima

Incentivo dos professores nas ações da assessoria

Durante a assessoria nas aldeias, incentivávamos a participação das escolas em nossas ações educacionais. Um grande aliado nesse propósito foram os professores, que em algumas situações consideravam a assessoria como carga horária para seus alunos.

À exemplo da aldeia Mucuripe organizamos junto à liderança local Gilson de Lima uma reunião logo quando chegamos, junto à comunidade no kupixawa. Tivemos grande participação de alunos e alunas, estes incentivados pelo Gilson. Ele fazia todos os dias a chamada da turma, orientando que as atividades de assessoria fossem consideradas como aula da escola. Nesta primeira conversa, além da nossa apresentação e dos objetivos da assessoria, como de praxe fizemos uma análise da conjuntura política (prática semelhante em todas aldeias assessoradas/visitadas). Gilson veio até mim informar que alguns adultos não estavam presentes e pela importância do conteúdo da conversa, sugeriu que fizéssemos mais uma reunião noturna, onde estaríamos novamente contextualizando o delicado cenário político atual, para aqueles que estiveram ausentes pela manhã.



Chegada da assessoria. (AAFI Ocivildo)



Apresentação cultural com alunos e prof. Gilson.



*Crianças e mulheres trabalhando na produção em sementeiras e mudas na aldeia Mucuripe.
(Fotos: Paula Lima)*



Produção em horta orgânica nas aldeias Segredo do Artesão e Mucuripe. (Fotos: Paula Lima)

Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)

A realização das duas Oficinas de Etnomapeamento e Elaboração do Plano de Gestão Ambiental e Territorial da TI Kaxinawa da Praia do Carapanã ocorreram respectivamente nos meses de janeiro e julho de 2013.

Durante a II Oficina foram conduzidas discussões para revisar os acordos comunitários para a gestão territorial. O PGTA foi elaborado na primeira oficina e sendo na segunda, revisto e repactuado com as comunidades da TI Kaxinawa da Praia do Carapanã.

As ações realizadas foram: a) produção e revisão dos mapas temáticos⁷ para o uso, manejo, conservação dos recursos naturais e proteção da TI; b) discussões sobre o uso dos recursos naturais e os acordos comunitários para gestão da TI, dentro do PGTA; c) revisão dos levantamentos dos recursos naturais para identificar densidade e distribuição, além de planejamento para o manejo dos recursos naturais e d) atualização do questionário Econômico Socioambiental da TI.

Manejo de pirarucu em lagos nativos

Realizamos uma visita ao Lago do Urubu, distância de 15 minutos de motor, acima da aldeia Povo Junto e local onde ocorre o manejo do pirarucu. O AAFI João Rodrigues é um dos manejadores e compartilhou sua experiência na contagem. De 20 em 20 minutos o pirarucu sobe a superfície para respirar e nas recentes contagens, neste lago estima-se uma população de 66 pirarucus.

Em 2012, foi elaborada uma proposta para desenvolvimento do manejo do pirarucu na região do Envira, sendo que, em 2013 foi aprovado pelo WWF Brasil junto ao Fundo Amazônia, o Projeto Pesca Sustentável. Foi desenvolvido nos municípios de Manoel Urbano, Feijó e Tarauacá. Na TI Praia do Carapanã 10 lagos foram zoneados e quatro destes foram considerados com potencial de manejo. Já os demais são para subsistência. Os moradores da TI dizem que a quantidade de pirarucus de fato aumentou nos lagos a partir da iniciativa, no entanto favoreceu a proliferação de plantas aquáticas. Já que são áreas que não se pesca mais, as plantas tomaram de conta e os comunitários temem que os lagos cerrem, já que não possuem recursos para limpeza desses locais. Até o momento os pirarucus são apenas monitorados e as comunidades que trabalham no projeto, idealizam que no ano de 2020 façam a despesca e um festival comemorativo sobre o manejo do pirarucu.

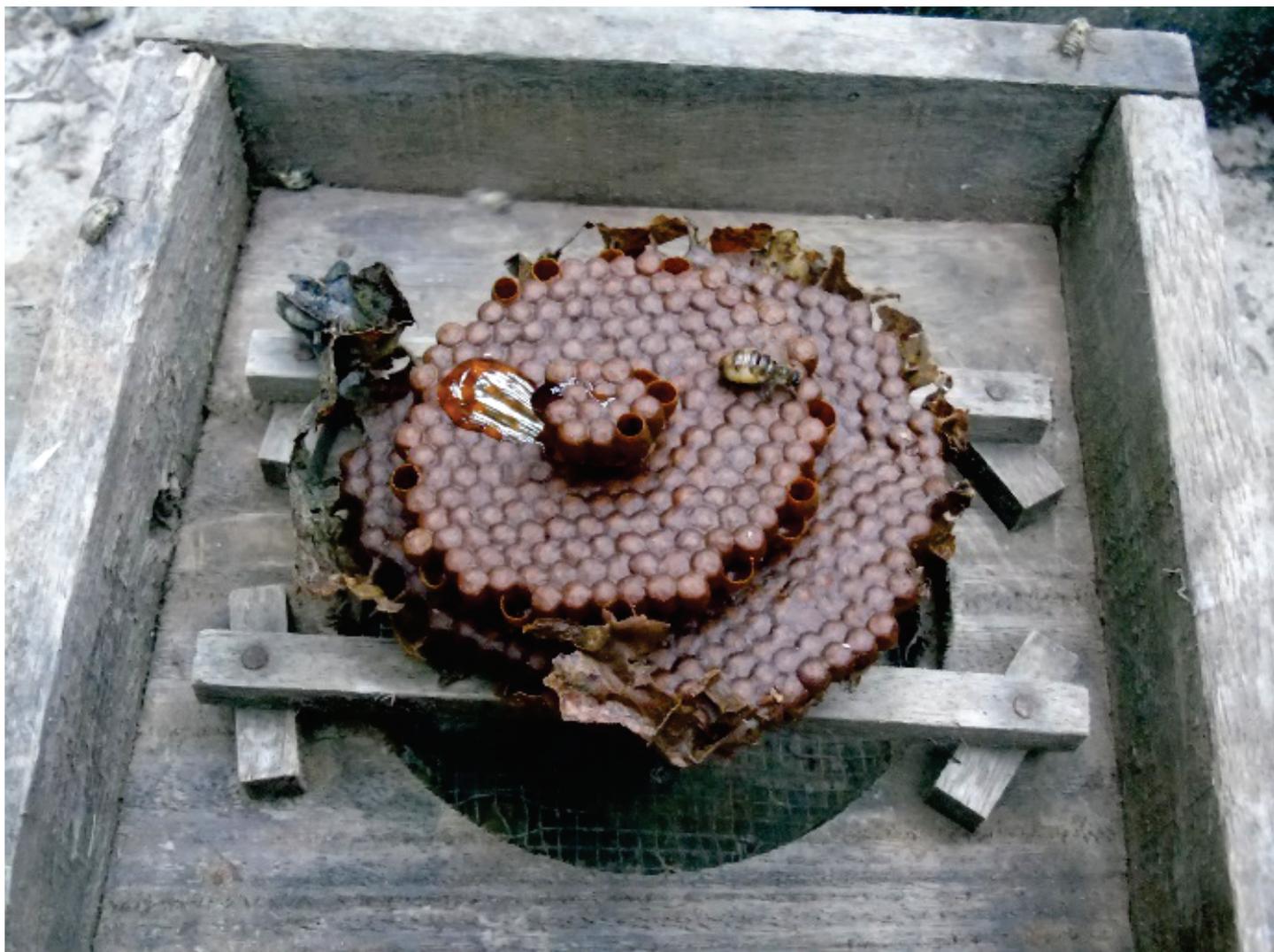


Vista do lago nativo Urubu, local de manejo do pirarucu. (Foto: Paula Lima)

⁷Mapas temáticos: uso da terra, ocupação, caçada, fluxo de fauna, pesca, hidrográfico, vegetação e histórico.

Aula prática de meliponicultura

A liderança Adriano da Silva Kaxinawa da aldeia Segredo do Artesão, tinha uma caixa de melíponas em seu quintal e nos pediu informações como fazia o manejo. Como a estrutura estava muito deteriorada e a aldeia tinha caixas novas, fizemos junto à comunidade uma prática de reforma do enxame, e moradores visitantes da aldeia Cocameira também participaram. Não foi possível fazer a divisão para mais uma nova caixa, porque o enxame não desenvolveu de forma adequada nas caixas antigas, que haviam sido colocadas invertidas na sua ordem de encaixe. Foi uma atividade oportuna para a formação da comunidade.



Distribuição dos discos de cria na nova caixa racional de abelha rainha em destaque (fundamental para o sucesso da prática). (Foto: Paula Lima)

⁸ Caixa racional: é o compartimento para acondicionamento de enxames de abelhas nativas, especialmente as dos gêneros melipona e trigona. Objetivando facilitar o manuseio dos enxames é dividida em compartimentos como ninho e melgueiras, confeccionados em madeira



Participantes atentos à reforma do enxame. (Foto: Paula Lima)



Caixa racional após a reforma. (Foto: Paula Lima)



Banheiro da aldeia Mucuripe. (Foto: Paula Lima)

Diagnóstico do acesso à água

No decorrer da viagem de assessoria, verificamos uma situação bem variada de acesso à água pelas famílias das diferentes aldeias, mas uma unanimidade em sinalizar uma demanda, que carece atenção e urgência: boa parte das doenças mencionadas nos questionários são em decorrência da falta de acesso à água de qualidade. Durante as nossas conversas, os moradores sempre alertavam sobre a qualidade da água do rio Tarauacá. A TI localiza-se entre dois municípios, Jordão e Tarauacá e há um fluxo constante de viajantes pelo rio, como freteiros, moradores dos dois municípios e de populações ribeirinhas do entorno. O descarte de lixo e óleo pelas embarcações que navegam no rio, assim como a presença de um hospital no município do Jordão e relatos do esgoto sendo descartado no rio Jordão (afluente do Tarauacá), são as preocupações mais evidentes, que ameaçam a qualidade do rio e conseqüentemente a saúde daqueles que dependem dele.

Além de ser um trabalho que exige grande sacrifício das mulheres, a busca diária pela água enfrenta outros intensos desafios. Verificamos que existem aldeias⁹ com poços artesianos furados, demandando atualmente apenas uma bomba d'água para tornarem-se viáveis. O custo de perfuração de um poço artesiano é elevado e quando observarmos projetos que tiveram esse investimento e não houve continuidade, causa uma certa frustração. Contudo, mesmo com a aquisição de um motor, sabemos que ele demanda consumo diário de combustível, onerando de certa forma o seu uso cotidiano. Na aldeia Mucuripe teve relatos que anteriormente a bomba era movida a energia solar, que auxilia a pensar em um modo mais sustentável de proporcionar utilidade a estes poços. A proposta é realizar uma articulação com a Sesai (antiga Funasa) para compartilhamento deste cenário e propor o encaminhamento de uma parceria institucional para fortalecimento do acesso à água nas Tis.

Falando da questão da água na aldeia Mucuripe, têm vários problemas. Sempre quando há mudança de estação, acontece muita diarreia, vômito e outras doenças (...). Já o rio sabemos, moramos entre dois municípios, água contaminada e não é boa pro consumo. Isso no verão(...). Quando chega o inverno, onde dá muitas enchentes, repiquetes, quando o rio é nossa única fonte de água, todo mundo vai lavar roupa, tomar banho, crianças brincam e tem a dificuldade de carregar água, que durante o inverno chove muito, tudo fica alagado, fica lama e quem sofre são as mulheres. Então temos essas dificuldades.

(Professor e liderança Gilson de Lima Kaxinawa)

⁹Aldeia Povo Junto, Cocameira e Água Viva possuem poço artesiano sem bomba d'água. Aldeias Mucuripe e Carapanã possuem chafariz, apenas Mucuripe funcionando.

Na nossa aldeia têm 10 famílias e para todas essas famílias, temos só um poço Amazonas e uma cacimba que foi construída recentemente. Em 2004 foi construído o poço Amazonas e o banheiro, que na época era ligado a bateria, com uma placa solar.

Hoje temos os custos pra manter o nosso poço que precisa de óleo diesel pra funcionar, precisa trocar as torneiras para o chafariz, quando a bomba dá problema precisa de conserto ou de comprar uma nova; os motores dão problema e têm todos esses custos (...).

A gente pensa de ter outra solução para água potável na comunidade, talvez mais cacimbas, captação de água da chuva, talvez um poço melhor. Poço Amazonas atende bem só no inverno. No verão, mês de agosto, abaixa muito o nível de água e não atende as necessidades, porque a água não é só pra beber, mas para cozinhar, tomar banho, lavar coisas. Então no verão a gente consegue pegar só pra beber. O nível de água baixo e a falta de óleo são as dificuldades.

(...)O rio já está contaminado. Estamos entre dois municípios e com certeza o esgoto do Jordão desce pelo rio. Lá já tem hospital. Recentemente teve uma diarreia forte e morreu um menino por conta disso.

(AISAN Antônio de Lima Kaxinawa)

Sou liderança da aldeia Carapanã desde 2008 e venho acompanhando a comunidade. Aqui a gente recebeu o Poço Amazonas em 2003(...).Depois deu problema na bomba, acabou o gerador, os responsáveis não tomaram providências de organizar. A comunidade ficou usando uma cacimba que o olho d'água não é próprio, é como se fosse água da chuva: no inverno fica abastecendo e quando chega a época de verão, já fica vermelha, com um cheiro e a gente fica usando assim mesmo, porque não temos igarapé perto da nossa casa. Não queremos usar a água do rio, porque sabemos da poluição.

(Professor e liderança Alcides Ferreira)



Banheiro danificado da aldeia Carapanã. (Foto: Paula Lima)

Um ponto positivo que encontrei, que tange a discussão de educação ambiental, foi que uma das cacimbas da aldeia Carapanã já tinha uma placa educativa, proposta pelo filho do cacique local Alcides Ferreira.



Placa: Não Jogue Lixo ao redor da cacimba, procure o lixeiro. (Foto: Cleir Muniz)



Cacimba da aldeia com cobertura.. (Foto: Cleir Muniz)



Placa educativa produzida na aldeia Carapanã. (Foto: Paula Lima)



Produção de placas educativas na aldeia Mucuripe. (Foto: Paula Lima)

A assessoria permitiu uma avaliação preliminar sobre a situação da água nas aldeias visitadas. A próxima viagem de assessoria ou a oficina de Gestão Territorial e Ambiental previstas serão momentos adequados para a definição dos locais de instalação dos sistemas de captação de água pluvial previstos no Projeto. Por outro lado, se for avaliada como estratégia adequada, o próprio consultor indígena do projeto (Amiraldo Sereno), em parceria com outros AAFIs e lideranças, e principalmente no diálogo com as mulheres, poderá reunir-se em prazo mais curto com as aldeias, para definir as prioridades de instalação.

Manejo de resíduos sólidos

Durante as conversas sobre o manejo do lixo, as comunidades demonstravam cuidados com a separação do lixo orgânico e não orgânico, especialmente com o lixo tóxico. Diziam que os agentes de saúde e de saneamento vêm orientando as famílias sobre os riscos de contaminação e que se atentam à necessidade de retornar com o lixo não orgânico para o município. Do lixo orgânico, parte se aproveita na alimentação animal e a outra parte para adubação dos plantios. Queimam quando possível o lixo não orgânico e retornam para o município o que não se queima, com atenção ao lixo tóxico. Informaram que algumas famílias se livram do lixo da aldeia no rio, mas em sua maioria se esforçam que cheguem até o município. Alertam sobre o lixo da equipe de saúde, com relatos que tem ocorrido queima do lixo hospitalar no porto. Solicitam apoio logístico da saúde para transporte do lixo não orgânico até o município e responsabilidade pela retirada do lixo hospitalar das aldeias.

Seguem trechos na sequência, de liderança da aldeia Mucuripe, sobre a preocupação com o lixo hospitalar deixado pela equipe do Polo Base.

Falar da equipe de saúde, sobre o lixo que eles não têm preocupação com a TI e com quem mora aqui. Em alguns lugares [outras aldeias da TI], aqui não aconteceu ainda, eles retiram lixo, mas deixam no porto. Queimam tudo ali no porto e sabemos que nem tudo se queima. Então, dá pra ver que a equipe de saúde não tem essa preocupação do local onde vai queimar, o que vai queimar, como vai queimar.

A gente tem falado com a equipe da saúde, como onde deixar o lixo e se teria já uma programação, um barco da saúde, um órgão que passaria para pegar o lixo. Tal dia passa o barco para pegar o lixo e toda comunidade já deixa no porto, para que tenha um destino certo, criar esse hábito. Se a gente não tiver esse pensamento, como ser exemplo para as nossas crianças? Então a gente tem preocupação com o manejo do lixo, temos a visão que somos fixos, criamos raízes nessa terra; não dá mais pra sair e ficar naquela mudança de antigamente. Então nosso pensamento é que muitas gerações desfrutem dessa terra indígena e então temos que cuidar, e um dos cuidados é o lixo.

Temos uns buracos de colocar lixo aqui na aldeia Mucuripe, já cavamos uns cinco e um deles fica bem na frente da minha casa. Foi o primeiro lixão que a gente construiu. Então a gente não teve esse pensamento de que um dia eu ia morar ali. A gente pensou que ali era distante da aldeia, mas só que a população está aumentando, se a gente colocar ali pra trás, um dia alguém vai morar ali. E aquele morador vai precisar de terra, de água e se a gente fizer lixão, vai contaminar tudo. Então estamos contaminando nosso próprio povo, nossa própria comunidade, nosso próprio lugar.

Toda a comunidade é envolvida e nós sempre cobramos. Não temos o pensamento de que esse trabalho é só do agente agroflorestal. Se eu trouxe lixo, eu tenho responsabilidade, a minha família é a responsável por esse lixo. Com esse pensamento de educar a nova geração. Não pode culpar AISAN, agente saúde, porque esses agentes a parte deles é educar. Quem faz a ação são as pessoas. Mesmo assim, falamos muito, e temos problemas de separar o lixo, o que queima do que não queima, e até o lixo orgânico. Precisamos trabalhar mais na educação do lixo. E também com as aïbu [mulheres], porque elas que cuidam de boa parte disso. Elas precisam estar mais ativas nessa parte.

(Professor e liderança Gilson de Lima Kaxinawa)

Articulação com o entorno

Na ocasião do planejamento da assessoria, informamos ao Amiraldo sobre a necessidade da participação das comunidades do entorno da TI. Amiraldo informou que seria possível a presença de comunidades não indígenas localizadas nas imediações das aldeias Mucuripe, Vista Alegre, Goiânia, Cocameira, Água Viva e Segredo do Artesão. No entanto, apenas os vizinhos da sua aldeia vieram participar. Foram três moradores do Seringal Minas que participaram de apenas um período das atividades da assessoria. Francisco Machado, agricultor e pastor, foi o interlocutor desta comunidade:

Após o almoço às 2:00 horas da tarde, nos retornamos para a atividade dentro do shubuã. Isso os companheiros vizinhos do entorno também estiveram presentes participando desta reunião. O senhor Amiraldo fez a abertura falando sobre o manejo dos recursos naturais, como fauna e flora e também falou da invasão do entorno dentro da TI. Após a abertura do senhor Amiraldo, a assessora Paula Lima (Ayani), informou sobre o PGTA da TI Carapanã, que são os acordos da comunidade para uso, manejo e conservação dos recursos naturais. E também instrumento político para conquistar parcerias. Ela também ainda falou sobre a Constituição Federal de 1988 e Convenção 169, de consulta livre. Após esta informação, foi apresentado o mapa da TI, aonde está tendo invasão na área. Isso foi a atividade de hoje. Encerramos a reunião às 5 horas da tarde e fomos brincar de Kaxĩ Ika.

Então essa atividade de hoje eu achei muito importante, aonde a assessora Paula Lima falou perante os vizinhos do entorno sobre o PGTA. Principalmente sobre o manejo da fauna e flora e a nossa cultura, nossa língua Hatxa Kuĩ. E também sobre a invasão do entorno. Por isso os companheiros do entorno têm o dever de respeitar a nossa área e entender como somos povos conservadores da floresta.

Com a força da assessoria eu agradeço a equipe pedindo aos órgãos federais que ajudem a nós defender a nossa TI. Sobre a invasão do nosso território, queremos valorizar e defender cada vez mais a nossa natureza, nossa floresta, nossa TI. Haux haux.

(Texto do professor Manoel de Jesus Kaxinawa)



Aluna Siriani representa a nossa conversa sobre direitos dos povos indígenas.



Aluna Marcileia representa a nossa conversa sobre as ameaças aos povos indígenas.

Depoimento de Morador do entorno da TI

Na época [da demarcação] morávamos no seringal Pinheiro Machado que ficou dentro da área indígena. Saímos aqui da área e ficamos na área de baixo do Seringal Minas que fica vizinho da área indígena. Eu quero dizer que sou evangélico, vice pastor da nossa igreja aqui próxima, do outro lado do rio que fica na área da Santa Luzia. Quero agradecer o apoio dos amigos indígenas e dizer para o Amiraldo que, como ele falou, que se a gente visse alguém caçando que avisasse pra ele. Acontece que vem pessoa de fora, invadem o lado deles [terra indígena] como o nosso. As vezes até conhecido mesmo, e nós pedimos para eles não entrar e eles entram assim mesmo. Dizem que não somos donos da área, não temos o direito. Para não impedir e para não formar confusão, que por meio de confusão ninguém resolve nada, a gente deixa passar.

(...) Sei de pessoas que vem do município caçar e pescar. Era morador próximo daqui. Tem um primo, que está [morando] na cidade, e aqui e acolá ele traz pessoas para caçar dentro do igarapé. Uma hora eles podem sair [com a caça] e a federal está esperando. Eu vou repassar para eles, que não é bom vir invadir. Vou repassar tudo para os outros de acordo com o que nós conversamos aqui. Inclusive o que o Amiraldo falou que tinha visto pessoa ali em cima com cachorro do lado deles [da TI] e vou repassar tudo para que fiquem sabendo e não fiquem enganados. Eles acham que, porque moraram aqui tem direito. Eles disseram que iam entrar porque uns disseram que a gente só mandava no nosso lote. Agradeço o convite, vim saber como era e vou repassar para as outras pessoas.

(Francisco Machado, agricultor do Seringal Minas).



Com apoio dos vizinhos, identificação de invasão na TI. (Foto: Paula Lima)



Agricultor Francisco durante apresentação. (Foto: Paula Lima)

Fortalecimento da proteção territorial

As comunidades da TI Praia do Carapanã solicitam apoio para reabertura de picadas, identificação de limites e ações de vigilância e monitoramento territorial e relatam que as aldeias mais próximas da divisa da TI estão passando por ocorrências de invasão. Tivemos uma reunião com três representantes do Seringal Minas, mas existem outras mais comunidades ribeirinhas e do município que invadem para retirada de recursos naturais no Carapanã. Não ouvi relatos sobre retirada de madeira dentro da TI e sim o impacto do desmatamento de fazendas vizinhas, que prejudicam a dinâmica ecológica da fauna (caça e pesca).

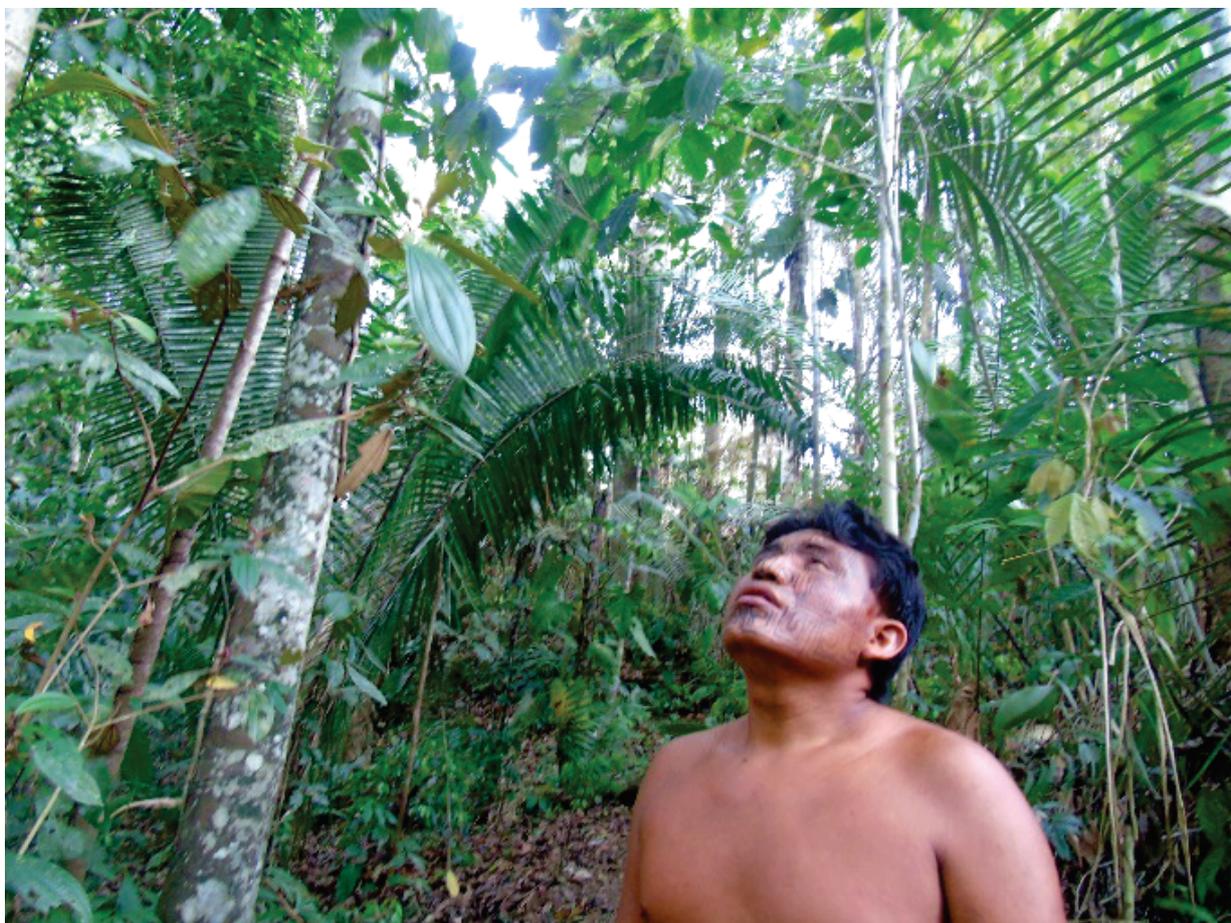
Depois de conversas com os demais programas/setores da CPI-Acre, surgiu uma indagação, se de fato a “invasão” pelo entorno não seria para suprir demandas por autoconsumo destas populações não indígenas. Por mais que haja um território demarcado para usufruto exclusivo de indígenas, onde se mantém boa parte da sua cobertura florestal conservada, a realidade do entorno é outra. São áreas desmatadas e sem sombra de dúvidas com escassez de caça e pesca maior do que nas TIs. Isto será pauta para discussão com as lideranças da TI.

Atividades culturais

Na aldeia Segredo do Artesão, os rituais são conduzidos pelos três pajés. Dona Bimi fica sob a função de defumação dos participantes, Adriano conduz o ritual e seu Gilberto realiza os atendimentos. Dentre os jovens, sete destes estão no processo de formação para pajés e incluem-se mulheres neste processo. As mulheres cantam, dançam, tocam e defumam durante os rituais e as menores de idade ainda não tomam o chá, o que não impede de participarem dos trabalhos até o dia amanhecer.



Pajé Bimi, sua filha Fátima e pajés Adriano e Gilberto (Foto: Paula Lima).



Liderança Adriano durante visita ao parque da Bimi. (Foto: Paula Lima)

Um ponto positivo que venho destacar, é o movimento cultural da juventude. Todas as aldeias assessoradas nesta TI tinham o seu coordenador da cultura, na maioria das vezes sob a responsabilidade de um jovem. Estão a todo momento compondo canções para as rodadas de Nixi pae, seja no português como também no Hatxa Kuĩ. E por falar nas rodadas, todas as aldeias as vêm realizando de forma frequente e muito bem organizada.

Os jovens estão produzindo seus próprios instrumentos musicais, como tambores e maracás. Os tambores são feitos de tronco de árvores ou até da reutilização de latas de tinta. Um bom tema para se trabalhar em oficinas junto a esta juventude animada seriam a confecções de instrumentos, mais precisamente tambores, que agitam as noitadas de cipó. Este movimento cultural, além de fortalecer o uso da LI pelos jovens (lembrando que as aldeias Carapanã, Cocameira e Água Viva têm poucos falantes), é mais uma oportunidade para se desvencilharem do aliciamento para o crime organizado.

Fortalecimento cultural

No grande kupixawa da aldeia Segredo do Artesão, durante as segundas-feiras, as mulheres se organizam no ofício do artesanato. Concentradas, as artesãs dedicam aos seus belos teares, cestarias e cerâmicas. Dona Bimi além de pajé, é uma mestra referência para esta TI. É conhecedora de um total de 63 kenês e sonha em ter um museu na aldeia para apresentar os seus estudos e peças desenvolvidas com as demais mulheres. Sua aldeia, como também a Povo Junto e Mucuripe, foram as únicas onde encontrei mulheres trabalhando com artesanato. São famílias que vieram há alguns anos do Jordão, responsáveis por fortalecer não só o artesanato na TI Praia do Carapanã, como também o Hatxa Kuĩ.



Dona Bimi (cima) e sua irmã (baixo), dedicadas com a tecelagem (Fotos: Paula Lima).

ANEXO

Anexo 01. Atividades realizadas nas aldeias

- Reunião com as comunidades de cada aldeia, para a apresentação da equipe e do projeto, na sequência conversa sobre conjuntura política;
- Elaboração de acordos de convivência;
- Visita guiada a aldeia para contextualização do trabalho do AAFI junto à comunidade;
- Atividade prática de plantios, enriquecimento e manejos nas áreas de produção agroflorestal;
- Construção de viveiros de mudas, sementeiras e hortas orgânicas;
- Apresentação do histórico de formação dos AAFIs, Critérios para ser AAFI, importância do uso do Diário de Trabalho, modalidades da formação e repasses de informações sobre a AMAAIAC;
- Registro fotográfico de partes dos diários de trabalho dos AAFIs; leitura e orientações;
- Aplicação de Questionário Econômico Socioambiental;
- Produção de relatórios e ilustrações pelos participantes da assessoria;
- Apresentação da proposta de instalação de pontos de captação de água pluvial e diagnóstico da situação de acesso a água;
- Uso do mapa de ocupação para identificação de invasão territorial;
- Discussões sobre o manejo de resíduos sólidos e produção de placas educativas;
- Discussão sobre os avanços e desafios do Plano de Gestão Territorial e Ambiental da TI Kaxinawa da Praia do Carapanã;
- Realizar a formação dos AAFIs desta TI, como também promover o intercâmbio do AAFI Cleir Muniz da TI Nukini (região de Mâncio Lima);
- Possibilitar a participação das comunidades do entorno desta TI, durante as discussões de proteção territorial.

